

Produção maior é só um dos sinais vitais

ROLF KUNTZ

Os economistas ficaram espertos e decidiram ver com desconfiança toda notícia boa. É menos perigoso para a reputação do que errar por excesso de otimismo. É sinal de sabedoria receber com frieza a notícia do crescimento industrial em abril. Mas quem disse que essa é a novidade mais positiva?

A melhor notícia dos últimos dias, a mais desconcertante e a mais difícil de aceitar sem reserva, não é a do crescimento industrial: contra toda expectativa, os sinais vitais da economia são bastante razoáveis. O aumento da atividade é apenas um dos sintomas. Sozinho, não tem grande significado. Mas o quadro clínico é mais complexo:

■ Depois de quatro meses de Plano Collor 2, a inflação ainda não explodiu. Todos sabem que não há congelamento de fato, mas, apesar disso, os preços têm evoluído com certa moderação. Os novos reajustes podem trazer números piores no final de junho, mas nenhuma previsão, por enquanto, é segura.

■ O choque agrícola parece estar absorvido. Na última semana de maio, os preços pagos aos produtores de 11 das principais commodities agrícolas — entre elas carne, arroz, feijão, milho e soja — foram apenas 2,7% mais altos que no final de abril. O aumento estava em torno de 8% há cerca de dois meses.

■ No mês passado, a ração essencial mínima encareceu somente 1,17% em São Paulo, de acordo com o Dieese. Há nesse quadro um componente sazonal, representado pelo avanço das colheitas e pela boa oferta de carnes. Mas essa pode não ser toda a explicação. A retração da procura e os juros altos, inibidores da especulação, também devem pesar.

■ Em maio, pelo 14º mês consecutivo, as contas do Tesouro foram fechadas com superávit. Há um certo mistério nesse desempenho, pois todos concordam em que não houve um ajuste definitivo nas contas públicas.

■ A política monetária tem funcionado e a criação de dinheiro parece continuar moderada (os números de abril foram bons e os de maio

são ainda desconhecidos, mas nada indica uma grande piora).

■ O comércio exterior continua a produzir superávits e as reservas cambiais voltaram a crescer, embora a taxa de câmbio, segundo o senso comum, esteja desajustada.

■ Muitas empresas decidiram conceder antecipações salariais em maio e não há sinal, por enquanto, de um descontrole da procura, embora as vendas do comércio tenham crescido nos últimos dois meses.

Qualquer desses dados pode ser pouco interessante, isoladamente, mas o economista profissional, como o médico, é treinado para examinar um conjunto de sinais. E o que esse conjunto revela parece claro: até agora, a política de ajuste posta em marcha pela antiga equipe — e ainda não renegada pelo novo grupo — está produzindo algum resultado, modesto, sem dúvida, mas não desprezível. Reconhecer esse ponto não é o mesmo que dizer que os problemas estão resolvidos e que vai dar tudo certo. Também aqui a analogia com a medicina pode ter sentido: o acompanhamento dos sinais serve, antes de mais nada, para mostrar se a terapia está bem dirigida ou se deve ser mudada no todo ou em parte. Não é assim que se tem discutido conjuntura no Brasil: ao invés de olhar os dados no dia-a-dia, a maior parte dos economistas prefere emitir juízos definitivos, como profetas bíblicos. Como a moda é prever o pior — caminho mais seguro para consultores —, o que menos se examina é a própria conjuntura.

Não é preciso muito talento para apontar as dificuldades à frente. A nova fase da política de preços apenas começou, falta definir a política salarial, o ajuste fiscal tem de ser aprofundado, a liberação de cruzados trará problemas para a política monetária etc. Além disso, as alianças políticas do presidente Collor são de alto risco para o Tesouro. Tudo isso é conhecido e a sabedoria dos economistas não vai muito além dessa enumeração. É uma pobre contribuição às decisões de governo. Há alguns anos saiu nos Estados Unidos um livro intitulado: "Is Economics relevant?" (É relevante a Economia?). A Economia, sim. Os economistas, nem sempre.